

GLOBALIZAÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO: uma leitura a partir da obra de Milton Santos

Gilmar Antonio Bedin
Mariana da Silva Lessa

O presente ensaio faz uma reflexão sobre as transformações provocadas pela conformação do fenômeno da globalização do mundo e as possibilidades interpretativas que ele possibilita. A reflexão tem como referência a obra *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, de Milton Santos (2000). Nesse sentido, o ensaio aceita a percepção do autor de que a globalização pode ser interpretada como um sonho, como uma perversão e como uma possibilidade aberta de construção de uma nova civilização, de cunho e alcance planetários.

A GLOBALIZAÇÃO

As transformações ocorridas dos últimos anos mostram-se muito profundas e alcançam dimensões planetárias. Em decorrência, o mundo move-se de uma forma intensa e complexa, afetando os diversos aspectos da vida humana, mesmo nos lugares mais distantes. Estas transformações convergem para a configuração do que passou a ser denominado de globalização e simbolizam o início de um novo século – o século XXI – e também uma nova fase da história humana.

Assim, é possível perceber que os homens, após terem construído sólidas identidades nacionais e projetos definidos por fronteiras territoriais, passam agora a delinear uma aventura de dimensão planetária. Daí, portanto, a percepção de que o mundo tornou-se um único lugar para todos os seres humanos e que seus problemas mais relevantes adquiriram o caráter de questões mundiais.

Com esta transformação, ocorre uma unificação do planeta e são estabelecidas conexões de todos os lugares e todos os indivíduos numa escala planetária, ainda que em graus diversos e de forma assimétrica. O fenômeno da globalização vem a conformar, portanto, uma grande mudança histórica,

caracterizada por uma maior interdependência global em que o centro da articulação da sociedade internacional desloca-se, em grande medida, dos Estados-nação soberanos para os novos atores internacionais, como as organizações internacionais, as empresas transnacionais e as organizações não-governamentais, e passa a se constituir a partir de novos canais de comunicação de novas referências significativas, não mais nacionais e sim mundiais (Brum; Bedin, 2003, p. 12-13).

Percebe-se, desta forma, que o fenômeno da globalização do mundo está conduzindo, cada vez mais, “ao delineamento de uma crescente complexidade das relações internacionais, à configuração de uma polaridade incerta e ao estabelecimento de vínculos mais estreitos entre os principais atores da sociedade internacional” (Brum; Bedin; 2003, p. 10). Nesse sentido, a globalização caracteriza-se pelo aparecimento de um conjunto de novas possibilidades, que modificam equilíbrios pré-existentes e impõem novas determinações para a vida na Terra.

Ao impor-se desta forma, a globalização produz uma nova percepção sobre o mundo, fragilizando as formas tradicionais de construção das identidades e os principais conceitos articuladores do mundo moderno. Assim sendo, a globalização produz, por exemplo, a relativização do

papel político-econômico dos Estados-nação e o fortalecimento do setor privado e das grandes empresas transnacionais. Os Estados encontram, cada vez mais, dificuldades para se manterem como os principais atores internacionais, uma vez que a riqueza e o poder emanam, de forma crescente, das transações privadas, que não se preocupam em se identificar com as ambições e preocupações territoriais. Os Estados podem tentar tornar seus territórios mais atraentes, para os investimentos estrangeiros, mas a estrutura das redes mundiais de produção não depende de suas decisões, conformando fluxos que ignoram fronteiras nacionais e atravessam todo o planeta (Brum; Bedin, 2003, p. 16).

Em decorrência deste fato constata-se que o mundo atual é mais complexo e mais interdependente, e que as ações dos Estados são cada vez mais dependentes de outros atores internacionais. Isso cria as condições necessárias para a emergência do capitalismo-mundo, provoca muita destruição e pobreza, mas também permite novas possibilidades de construção de um mundo melhor. Daí as três possibilidades de interpretação da globalização: como sonho, como perversidade e como uma possibilidade aberta para a construção de uma civilização de alcance planetário.

A GLOBALIZAÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO

A globalização vista como um sonho é uma espécie de fábula com um suposto final feliz. Esta fábula é contada pelos países mais ricos do mundo, pelas organizações econômicas internacionais e pelas grandes empresas transnacionais. A percepção que estes atores buscam disseminar é que a conformação de um capitalismo de alcance planetário trará, como que num passe de mágica, prosperidade e bem-estar para todos. Esta fábula é construída a partir do controle exercido pela mídia.

O controle da mídia é feito a partir da máquina ideológica que sustenta as principais ações econômicas da atualidade e que “põe em movimento os elementos essenciais à continuidade do próprio sistema capitalista” (Santos, 2000, p. 19). Este movimento proporciona o surgimento das condições

necessárias para a afirmação da idéia do fim da História – da idéia que chegamos ao ápice da jornada humana – e para a tentativa de conformação de um pensamento único e da busca da uniformização das diversas regiões do planeta.

A convergência do controle da informação e da afirmação do capitalismo fornece a base “do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época atual e, ao mesmo tempo, busca conformar, segundo um novo *ethos*, as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas” (p. 37). Nesse sentido, são “duas violências centrais, alicerces do sistema ideológico que justifica as ações hegemônicas e leva ao império das fabulações, a percepções fragmentadas e ao discurso único do mundo, base dos novos totalitarismos – isto é, globalitarismos – a que estamos assistindo” (p. 38).

Esta base produz a aceleração da produção da fábula da globalização de igual benefício para todos e para todas as regiões do planeta. Em consequência, a humanidade é posta “diante de um novo encantamento do mundo, no qual o discurso e a retórica são o princípio e o fim” (p. 38). Envolvidas por esse processo de encantamento, as pessoas sentem-se

desamparadas, o que também constitui uma incitação a que adotem, em seus comportamentos ordinários, práticas que alguns decênios atrás eram moralmente condenadas. Há um verdadeiro retrocesso quanto à noção de bem público e de solidariedade, do qual é emblemático o encolhimento das funções sociais e políticas do Estado com a ampliação da pobreza e os crescentes agravos à soberania, enquanto amplia o papel político das empresas na regulação da vida social (Santos, 2000, p. 38).

A produção desta base é sempre, contudo, precária, seja porque a apropriação dos benefícios econômicos é diferente entre as pessoas, seja porque os resultados regionalmente obtidos pelos países são assimétricos. Esta diferenciação é o que possibilita uma segunda interpretação do processo de globalização: a interpretação desse fenômeno como uma perversidade.

A propósito, é possível afirmar que a globalização é um acontecimento que produz desigualdades, exclusão social e, em consequência, ruptura dos laços de solidariedade na vida social. De fato, para uma grande parcela da humanidade as consequências da globalização são muito negativas, criando novas situações de exclusão e de precariedade social. Percebe-se, então, que

o desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a Sida se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e se aprofundam males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção (Santos, 2000, p. 20).

Em consequência, ocorre o surgimento de diversos tipos de individualismos:

individualismos na vida econômica (a maneira com que as empresas trabalham umas com as outras); individualismos na ordem política (a maneira com que os partidos freqüentemente abandonam a idéia de política para se tornarem simplesmente eleitoreiros); individualismos na ordem do território (as cidades brigando umas com as outras, as regiões reclamando soluções particulares). Também na ordem social e individual são individualismos arrebatadores e possessivos, que acabam por constituir o outro como coisa. Comportamentos que justificam todo desrespeito às pessoas são, afinal, uma das bases da sociabilidade atual (p. 47).

No contexto da globalização, o fator determinante da sociabilidade humana passa a ser o poder do dinheiro e a troca de mercadorias. O poder do dinheiro robustece o consumismo e leva ao “emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando, também, a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor e a figura do cidadão” (p. 49). O fortalecimento do consumismo, por sua vez, produz

narcisismos, por meio de seus estímulos estéticos, morais, sociais; e aparece como o grande fundamentalismo de nosso tempo, porque alcança e envolve toda gente. Por isso o entendimento do que é o mundo passa pelo consumo e pela competitividade, ambos fundados no mesmo sistema de ideologia (p. 49).

Esta é, portanto, uma segunda possibilidade de interpretação do fenômeno da globalização. Interpretação que destaca os efeitos negativos deste processo de transformação e nos alerta para o surgimento,

nesta era da globalização, do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro, cuja associação conduz à emergência de novos totalitarismos e permite pensar que vivemos numa época de globalitarismo muito mais que de globalização. Paralelamente, evoluímos de situações em que a perversidade se manifesta de forma isolada para uma situação na qual se instala um sistema de perversidade, que, ao mesmo tempo, é resultado e causa da legitimação do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro, consagrando, afinal, o fim da ética e o fim da política (p. 55-56).

Essas duas possibilidades – a globalização como sonho e como perversidade – não esgotam as hipóteses de interpretação das grandes transformações sociais e políticas ocorridas nos últimos anos.

Uma terceira possibilidade também pode ser estabelecida: a de construção de uma nova civilização planetária. Esta terceira possibilidade alicerça-se na superação de três limitações (Bedin, 2001):

a) a superação da afirmação do relativismo cultural. A afirmação do relativismo cultural sustentou tradicionalmente que uma vez que há tantas culturas diferentes no mundo, cada qual com uma concepção potencialmente original sobre o que é a moralidade, jamais será possível chegar a um acordo acerca de uma única concepção de justiça. Com a globalização a humanidade está construindo um consenso ético-global mínimo;

- b) o argumento de que o compatriota tem prioridade. Argumento que refletiu tradicionalmente “a crença amplamente difundida de que somente em relação aos membros da própria sociedade existem deveres de prestar auxílio”. Com a ampliação da noção de que a Terra é um espaço de todos e um lugar de convivência humana coletiva, esse argumento não mais se sustenta e, em consequência, ter-se á, cada vez mais, a integração entre os diversos povos do planeta;
- c) a ausência de um poder superior aos Estados individuais ou de vinculações abrangentes mais consistentes. A falta desses dois fatores tornou a adesão de cada um dos Estados a qualquer acordo internacional algo puramente instrumental. Com a crescente interdependência e com a formação dos blocos regionais, essa instrumentalização dos acordos tornou-se cada vez mais difícil de ser sustentada no momento atual.

Com a superação desses três problemas tradicionais, aliada à revitalização dos valores fundamentais da natureza humana e da atualização de um projeto utópico para a humanidade, é possível começar a imaginar a conformação de uma nova civilização. Para tanto é necessário, contudo, que a humanidade retome a capacidade reflexiva e se disponha a ter

uma visão crítica da história, que inclui uma apreciação filosófica da nossa própria situação frente à comunidade, à nação, ao planeta, juntamente com uma nova apreciação de nosso papel como pessoa. É desse modo que, até mesmo a partir da noção do que é ser consumidor, podemos alcançar a idéia de homem integral e de cidadão. Esta revalorização radical do indivíduo contribuirá para a renovação qualitativa da espécie humana, servindo de alicerce a uma nova civilização (Santos, 2000, p. 169).

Este movimento não ocorrerá, obviamente, de um momento para outro. Ao contrário, sua concretização será acelerada “em momentos diferentes e em países diferentes, e será permitida pelo amadurecimento da crise [provocada pela própria globalização]” (p. 170). Essa nova configuração não será uma construção de cima para baixo, como a que a humanidade está assistindo neste momento, mas uma edificação que deve ser feita de baixo para cima.

Em consequência, será possível

a implantação de um novo modelo econômico, social e político que, a partir de uma nova distribuição dos bens e serviços, conduza à realização de uma vida coletiva solidária e, passando da escala do lugar à escala do planeta, assegure uma reforma do mundo, por intermédio de outra maneira de realizar a globalização (p. 170).

Possibilidade utópica? Sim, sem dúvida. É possível afirmar, contudo, que a história do homem dispõe hoje “das condições objetivas, materiais e intelectuais para superar o endeusamento do dinheiro e dos objetos técnicos e enfrentar o começo de uma nova trajetória” (p. 173). Esta é a terceira possibilidade de interpretação da globalização. É a possibilidade mais evidente? A resposta somente pode ser não, no entanto não deve ser deixada em segundo plano, sendo necessário que cada um de nós fique atento a todas as possibilidades criadas em cada momento histórico, que podem ser identificadas na “irrupção de novos objetos, de novas ações e relações e de novas idéias” (p. 173).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, é importante indagar qual das três possibilidades analisadas será hegemônica num futuro próximo. Será uma fábula contada pelos países ricos, pelas organizações econômicas internacionais e pelas grandes empresas? Será um mundo de perversidade e de risco da sobrevivência da humanidade? Será um mundo melhor, rearticulado por um novo projeto emancipatório? É muito difícil dizer. A História continua, apesar de algumas tendências, em aberto.

A única certeza possível é que o homem vive um momento diferente de sua trajetória. Diferente porque as condições de sua realização mudaram radicalmente, estando agora permeada por questões que atravessam fronteiras e se conectam em escala planetária. Um mundo diferente porque a humanidade pode identificar-se como um todo e reconhecer sua unidade. É um mundo de muitas oportunidades, mas também de extraordinários desafios para a humanidade.

REFERÊNCIAS

BEDIN, Gilmar Antonio. *A sociedade internacional e o século XXI*: em busca da construção de uma ordem mundial justa e solidária. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

BRUM, Argemiro Luís; BEDIN, Gilmar Antonio. Globalização e Desenvolvimento: algumas reflexões sobre as transformações do mundo atual e suas implicações no processo de desenvolvimento. In: *Revista Desenvolvimento em Questão*, n. 2, Ijuí: Ed. Unijuí, 2003, p. 9-35.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

